



# Luzes da Teosofia

© 2018 – Conhecimento Editorial Ltda

## Luzes da Teosofia – Vol. 3

Autores diversos

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.  
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques  
CEP 13480-970 — Limeira — SP  
Fone/Fax: 19 3451-5440

*www.edconhecimento.com.br*  
 *vendas@edconhecimento.com.br*

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Tradutores e colaboradores:

- Ana Maria Coelho de Sousa
- Carlos Guerra • Edilson Almeida Pedrosa
- Fábio Johas • José Antonio Alves
- Maria Isabel Nobre Santos • Manuel Cavaco
- Mariléa de Castro • Raul Branco

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho  
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-440-9  
1ª Edição – 2018

- Impresso no Brasil • Presita en Brazilo
- Produzido no departamento gráfico da

**Conhecimento Editorial Ltda**  
*grafica@edconhecimento.com.br*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Luzes da Teosofia – Vol. 3 / Organizado por Edilson Almeida Pedrosa — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2018.

166 p. (Teosofia: A força da Verdade)

Diversos autores  
ISBN 978-85-7618-440-9

1. Teosofia 2. Ciências ocultas 3. Espiritualidade 4. Filosofia I. Pedrosa, Edilson Almeida

18-0752

CDD – 130

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Ciências ocultas : Esoterismo

Autores diversos

# Luzes da Teosofia

Volume 3

1ª edição  
2018





O alvo principal de nossa organização, que estamos trabalhando para formar uma verdadeira fraternidade, está completamente expresso no lema da Sociedade Teosófica e de todos os seus órgãos oficiais: “não há religião superior à verdade”. Como uma sociedade impessoal, nós temos de nos apegar à verdade onde quer que a encontremos, sem nos permitirmos mais parcialidade por uma crença do que por outra. Isso leva diretamente a uma conclusão bastante lógica: se nós saudamos e recebemos de braços abertos todos os buscadores sinceros da verdade, não pode haver nenhum lugar em nossas fileiras para os veementemente sectários, os fanáticos ou para os hipócritas, presos dentro das muralhas da china do dogma, cada pedra contendo as palavras: “não admitimos!” Que lugar poderiam tais fanáticos ocupar entre nós? Fanáticos cujas religiões proíbem quaisquer questionamentos e não admitem qualquer argumentação possível, quando a ideia-mãe, a própria raiz de onde brota a bela planta que nós chamamos teosofia é conhecida por conceder a absoluta e irrestrita liberdade para investigar todos os mistérios da natureza, humanos e divinos.

*La Revue Theosophique*  
Helena Petrovna Blavatsky



# Sumário

Prefácio .....	9
A árvore do conhecimento	
Alvin Boyd Kuhn .....	12
O voto de silêncio	
B. P. Wadia.....	47
Giordano Bruno, um mártir da liberdade de pensamento	
Regina Medina.....	51
A vida e sua mensagem	
C. Jinarajadasa.....	57
Curiosidades teosóficas I	
– Festival da Lua Cheia de Wesak .....	64
Curiosidades teosóficas II	
– O dia do Lótus Branco .....	67
Curiosidades teosóficas III	
– Centenário das Aparições em Fátima .....	69
Biografia	
William Quan Judge .....	71
O caráter esotérico dos evangelhos	
Helena P. Blavatsky .....	76

Contos assombrosos de Blavatsky	
A caverna dos ecos.....	150
Coletânea “Luzes da Teosofia”	
– Relação de conteúdo dos volumes .....	163



## Prefácio

Um livro aberto é um cérebro que fala; fechado, um amigo que espera; esquecido, uma alma que perdoa; destruído, um coração que chora. – Tagore

A teosofia é o acervo de conhecimentos das causas da existência de tudo no Universo retido por um grupo de seres extraordinários chamados adeptos, cujas mentes estão em perfeita sintonia com a Mente Universal. Além da busca incessante pelo conhecimento e sabedoria universais, as doutrinas teosóficas firmam-se também nos preceitos do amor, da fraternidade e do não egoísmo. É nesse manancial infinito e eterno da verdade, do amor e da sabedoria universais onde se assentam todas as religiões e encontra-se a essência dos sistemas filosófico-religiosos da antiguidade. A teosofia unifica, explica e harmoniza filosofia, ciência e religião, e o exame apurado da literatura teosófica autêntica deixa transparecer claramente essa concordância fundamental.

O movimento teosófico moderno, fundado por H. P. Blavatsky e Henry Steel Olcott, no último quartel do século XIX, espalhou-se pelo mundo e tem-se tornado cada vez mais conhecido na atualidade. Grande parte do sucesso dessa nova corrente de pensamento deve-se à notável obra escrita deixada por Blavatsky, a qual se coloca como um dos capítulos mais destacados da criatividade humana. Percebe-se naquele magnífico edifício literário uma espantosa demonstração de talento, erudição, inspiração, visão profética, profundidade

espiritual, constituindo-se um fenômeno inexplicável que ainda choca e surpreende a mente da maioria das pessoas que entram em contato com ele. A grandiosa obra de Blavatsky compõe-se não apenas dos muitos e importantíssimos livros que publicou, mas também de numerosos artigos editados por vários periódicos e que formam, em seu conjunto, um acervo monumental. Boris de Zirkoff, sobrinho de Blavatsky, colecionou notas, diários, artigos, cartas, bem como todos os seus livros publicados, perfazendo uma coleção, em 14 volumes, que foi denominada *The Blavatsky Collected Writings* e totaliza mais de 8000 páginas.

Além de todo esse rico material provindo da fundadora, que contém ensinamentos valiosos, com suas instruções particulares, inclusive as que ela transmitiu depois de 1888 aos membros da Seção Esotérica da Sociedade Teosófica, os atuais teósofos dispõem de uma quantidade volumosa de livros, pesquisas e artigos elaborados por teósofos notáveis de grande erudição e espiritualidade, sendo alguns deles companheiros de primeira hora dos fundadores da Sociedade Teosófica e outros que se destacaram em fases subseqüentes de desenvolvimento e expansão da teosofia pelo mundo, inclusive na atualidade. Só para lembrar alguns nomes, podemos citar, dentre dezenas de outros igualmente importantes: A. P. Sinnett, William Q. Judge, H. S. Olcott, Annie Besant, T. Subba Rao, C. W. Leadbeater, G. R. S. Mead, Gerald Massey, Franz Hartmann, Ernest Wood, C. Jinarajadasa, Arthur A. Powell, N. Sri Ram, Geoffrey Hodson, Gottefried de Purucker, Boris de Zirkoff, Clara M. Codd, P. G. B. Bowen, Geoffrey Farthing, N. Bhashyacharya, R. B. Holt, Parabolanus, Frederick Hockley, Geo. C. Williams, Ianthe Hoskins, A. L. Pogosky, Bhagavan Das.

Após quase 150 anos da fundação da Sociedade Teosófica, ocorrida em 1875, a tremenda produção literária dos teósofos e pesquisadores vinculados, discípulos ou não dos mestres de sabedoria, especialmente os milhares de artigos produzidos, encontram-se à disposição dos estudantes de filosofia esotérica na forma de livros e outras publicações ou até mesmo na internet. Porém, quase tudo se encontra redigido em línguas estrangeiras, especialmente a inglesa, o que dificulta enorme-

mente os pesquisadores e buscadores da vida espiritual de língua portuguesa com desconhecimento de outros idiomas.

Há, por conseguinte, grande demanda a ser suprida por mais publicações na nossa língua que exponham integralmente o pensamento dominante e as tendências atuais que derivam dos ensinamentos valiosos da Sabedoria Antiga. A **EDITORA DO CONHECIMENTO** espera agora que esse anseio possa ser satisfeito com a publicação da presente série de volumes do selo 'Luzes da Teosofia'. A profícua produção literária sob a forma de artigos produzidos por Blavatsky e os mais destacados teósofos do passado e da atualidade serão disponibilizados, a cada mês, sob o formato de livros numa série sem prazo determinado para terminar. A Editora espera que essa antologia do conhecimento divino, exposta magistralmente por qualificados pesquisadores da verdade eterna, possa se constituir num roteiro seguro de acesso ao conhecimento esotérico.

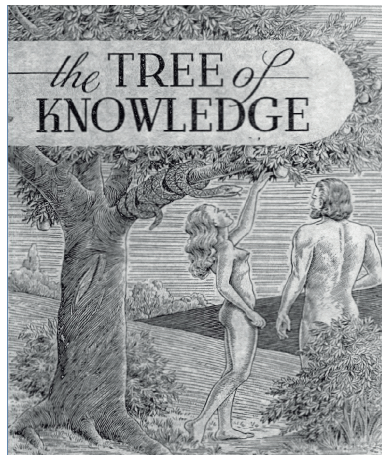
Os teósofos caracterizam-se especialmente por serem livres pensadores. Desde a sua fundação, a Sociedade Teosófica, apesar de ter o seu corpo doutrinário, nunca impôs aos seus membros renúncia às crenças particulares e aos ensinamentos e dogmas de suas religiões, a única exigência é com a prática da fraternidade e o respeito mútuo. De sorte que não se deve esperar nos textos apresentados nesta série ora lançada inteira coerência e concordância uns com os outros, pois cada autor teosófico tem o direito de expressar livremente o pensamento de qualquer escola a que esteja vinculado, mas jamais o de menosprezar opiniões opostas à sua ou de forçar qualquer pessoa a aceitar os seus pontos de vista.

# A árvore do conhecimento<sup>[1]</sup>

Alvin Boyd Kuhn

Traduzido por Edilson Almeida Pedrosa

A história da criação no *Gênesis* contém o item que representa a humanidade que foi condenada à morte eterna em consequência da desobediência de nossos primeiros pais à ordem de Deus para não comer o fruto da árvore da vida e do conhecimento que se encontrava no meio do Jardim do Éden. Aqui nos confrontamos com outra daquelas características



do grande drama alegórico da criação que tem mais do que desconcertado os melhores esforços de teólogos e estudiosos durante dois milênios. Ela oferece outro exemplo da maneira lamentável em que uma tentativa estúpida de interpretar a Bíblia literal e factualmente fez da erudição e da exegese bíblica um motivo de riso e uma zombaria do sentido e da sanidade deles durante os muitos séculos de religiosidade cristã. A história de como supostos eruditos no campo do estudo religioso foram enganados, lo-

[1] Título original *The tree of knowledge*. Livro nº 3 da Série "Through Science to Religion", publicado pela Liberty Publishing Company, Liberty, Mo. Em 1947.

grados, pelos subterfúgios da antiga metodologia dos textos das escrituras sagradas é uma das mais espantosas, em verdade quase inacreditáveis, narrativas que, infelizmente, deve agora ser contada. Parece impossível trazer à mente de clérigos e de líderes religiosos de hoje a simples verdade de que os antigos escritores bíblicos não se davam ao trabalho, como faz um autor atual, de clarear o significado de seus escritos numa linguagem que fosse a mais simples e reveladora. Bíblias não foram escritas com esse propósito ou tendo em vista esse fim. Pode-se quase dizer que eles fizeram esforços para esconder, ao invés de revelar a verdade que queriam narrar. Pois o propósito não era transmitir para milhões de leitores (lembramos que não havia impressão no mundo à época) a verdade que deveria ser expressa, mas sim embalsamar, com o fim de preservação, um corpo de verdades básicas da vida, religião e filosofia que poderiam se perder se não fossem escritas.

O método antigo se baseava numa prática literária que hoje se encontra totalmente perdida e desconhecida. Ao invés de se escrever tratados na linguagem comum, o objetivo era apresentar a verdade na forma de representações ou quadros dela, como dramas, alegorias, mitos, parábolas, fábulas, gráficos numéricos e pictogramas nos aglomerados estelares do céu. A pictografia da verdade era o trabalho de dramaturgos ao invés de expositores de prosa comum. Os elementos da natureza humana, que eram os verdadeiros atores no drama da vida deles, eram vistos como pessoas representando papéis da história, exatamente como em *Branca de Neve e os sete anões*. *A Branca de Neve* representa a natureza divina pura no homem, sua alma e os anões personificam os sete princípios elementais que constroem seu corpo físico e, assim, a servem em todas as maneiras mecânicas.

O método arcaico foi concebido para dramatizar a verdade, não para escrever dissertações elaboradas sobre ela. O gênio que se esforçou para construir as fórmulas que expressavam as forças e os processos da vida era de natureza dramática, não especificamente um gênio literário, no sentido moderno. Quando nem a escrita nem a leitura eram universais, a única maneira prática de se retratar ideias era figurá-las por meio de

uma alegoria, um mito ou uma construção que poderia parecer fantástica para uma pessoa ignorante, mas que levava sutilmente a uma intuição mais profunda das formas da verdade poderosa. A sagacidade que ditava tal metodologia reconhecia que, para a mente infantil, uma representação pictórica não apenas influenciava momentaneamente, mas impressionava perpetuamente a ideia concebida para ser ensinada. Como a dona de casa põe as frutas em jarras para serem preservadas, os construtores de mitos e os poetas dramáticos (e a palavra poeta significa construtor) embalsamavam em mitos e dramas e numa variedade de formulações concretas os grandes ideogramas de sabedoria oculta que transmitiram à humanidade primitiva para que lhe servissem de guia ao longo do processo evolutivo. O que o indivíduo aprende na infância vai lhe ser útil ao longo da vida, pois a memória da infância é eterna. O mesmo se dá com a humanidade em sua infância.

Às raças primitivas foram dados todos os sistemas de filosofia moral e espiritual, por meio de mitos e dramas, de tal maneira que os registros de verdade viva não necessitassem de instrução humana em sabedoria. Há fortíssima evidência de que todos os povos primitivos foram essencialmente beneficiários de um mesmo corpo de sabedoria e que esse depósito primitivo constituiu a fonte única de todas as religiões do mundo. Este depósito provou ser a “única religião verdadeira” do início. Ao recuperar aquele repositório a maior necessidade do mundo atual poderia ser prontamente satisfeita – uma religião universal para toda a humanidade. Para essa desejável consumação, a presente série deverá contribuir com impulso acima do médio, já que seus artigos chegarão a reconstruir em quase a sua totalidade os elementos e a substância daquela poderosa verdade da antiguidade.

### **O Livro da Revelação da Natureza**

A árvore do conhecimento era uma característica daquela grande formulação que retratava a verdade em gráficos e símbolos. Os sábios da antiguidade não necessitavam se esforçar muito para encontrar tipos, símbolos e cópias das leis e princípios cósmicos adequados e aprazíveis que tinham em

mente retratar. As ferramentas e os instrumentos para a reprodução da verdade encontravam-se à mão, ou logo ali. Eles estavam presentes em inumeráveis formas no mundo da natureza viva. O céu, a terra, o oceano, a vida vegetal e animal; os fenômenos universais diários das forças naturais supriam os materiais capazes de esclarecer a linguagem da verdade. Esses antigos dramaturgos conheciam um fato que ignoramos sobremaneira: que os processos e fenômenos de vida criativa encontram-se por toda parte, sendo eles próprios as dramatizações pictóricas da verdade universal. Sabiam que cada árvore, arbusto, inseto, minhoca, animal, cada córrego que cai pela encosta, cada nuvem, floco de neve, névoa e chuva, cada qual era, a seu modo, um traçado visível de princípio cósmico. Pois esses processos e criações eram, em si mesmos, a manifestação externa visível da alma do universo que trabalhava para dar uma expressão concreta a miríades de formas distintas. Eram eles próprios a verdade a se apresentar viva no mundo real. Constituíam ideias do espírito universal que estavam agora cristalizadas em forma material no mundo exterior. Eram elas ideias arquetípicas de Deus concretizadas na matéria atômica, como as ideias de um arquiteto são concretizadas em tijolo, argamassa, madeira, pedra e ferro. E exatamente isso. Deus, o grande arquiteto, primeiramente formou em sua mente cósmica a forma de coisas que viriam a ser sua intencional nova criação, e foi em seu padrão ideal que depois formou o universo físico. Em nossa obscura ignorância ridicularizamos hoje o idealista. Mas, a não ser que o indivíduo esteja o tempo todo esforçando-se para construir sua vida em conformidade com o padrão de um nobre ideal, ele não chegará a nenhum lugar, exceto possivelmente àquela fronteira de deriva sem propósito, ou a um asilo no cimo da montanha. A psicologia nos diz agora em tons que não ousamos desconsiderar, que mentes são destruídas em razão de seu desejo por objetivo, propósito e significado na luta pela vida. Estranho e quase ridículo como possa parecer aos ouvidos de pessoas modernas, pode-se dizer verdadeiramente que a filosofia é e sempre deverá ser a verdadeira salvadora do homem.

Mas as verdades e ideais mais sublimes estão retrata-

dos para nós onipresentemente nas coisas mais comuns da natureza. Possivelmente o que há de mais comum no mundo são árvores. Exatamente por serem elas tão comuns, deve-se presumir que incorporam a ideação universal da maneira mais verdadeira. E assim o fazem, verdadeiramente. Quando a natureza conta uma história, ela não pode ser falsa, não pode levar a mente para o caminho errado. A natureza pode apenas revelar a verdade, porque é ela a própria verdade que se torna visível no mundo real. Os filósofos têm debatido durante eras se as coisas concretas como árvores, rochas, rios, são coisas reais ou apenas a aparência de coisas reais. Todo o mundo visível das coisas pode ser uma ilusão da mente humana, alegam eles. A verdade óbvia é que essas coisas são em verdade a aparência de coisas reais, já que emergiram do mundo invisível de númeno, ou pensamento divino, e que se tornaram aparentes nesse mundo externo de realidade. Elas não eram, entretanto, mera aparência no sentido de serem uma aparência irreal de fantasma ou sombra de realidade, como têm sido geralmente descritas. Foram as formas da própria realidade que chegaram a se materializar em nosso mundo. A filosofia precisa fazer essa correção vital em seu pensamento. Qualquer coisa que é deve ser real. A disputa filosófica sobre realidade e ilusão constitui apenas uma questão de relatividade, contingente aos níveis de consciência presentes para avaliar a realidade. Qualquer coisa é real para o nível de consciência que a pode perceber, mas real para aquele nível e não para outros níveis. Uma onda de rádio de 800 Hz é real para o receptor sintonizado para captar aquela frequência. Não é real para uma diferente sintonia do mostrador. O homem – e os filósofos – solucionariam melhor essa questão de realidade com base numa aceitação ingênua, de que nossa experiência aqui é real. Esse mundo é real, terrivelmente real, para nós. Poderá não ser real para querubins e serafins; mas isso não deveria nos enganar, como o fez com alguns equivocados religiosos “espiritualistas” em nossos dias e no passado, para pensarem que podem tratar esse mundo como irreal. Ao longo desse caminho ideológico repousam os ossos embranquecidos de muitas personalidades destruídas, sob o aspecto filosófico e psicológico.



## A Árvore da Vida Ramificada

A árvore, como símbolo, narra a história da vida com maravilhosa plenitude e vívida clareza. Em sua forma e configuração é quase um quadro, em si mesma, da estrutura do plano criativo cósmico e constitui um verdadeiro retrato do conceito ideológico do homem sobre a forma e o modo de manifestação da vida. Se alguém se dispusesse a construir um diagrama dos processos de criação, seu lápis quase que seguiria a ideia de traçar uma figura que muito lembraria uma árvore. Por que? Porque ter-se-ia de desenhar uma linha escura a partir de um plano de raiz ou origem, como o chão, representando o único e indiferenciado córrego de energia criativa e, então, ramificá-lo em dois riachos e, novamente, dividi-los, e as suas ramificações e ramificações menores numa separação e divisão sempre crescente. Pois é exatamente assim que o impulso criativo emerge do seu centro basal e ramifica-se em inumeráveis braços e linhas de força, para permear finalmente a área total do universo que está a criar.

A árvore e o rio eram os dois símbolos adequados e usados mais frequentemente para representar o fluxo da energia viva da criação. A árvore retratava vividamente a emanação da corrente da vida a partir de uma fonte indivisa e a subsequente divisão e ramificação; assim tipificava a direção da vida que emana para o exterior, ou involui no início de um período criativo. O rio, da mesma forma, simbolizava graficamente o retorno ou direção evolutiva a partir dos muitos córregos afluentes, de volta para um único canal e para o oceano universal. Pois a árvore emana do chão como um único rebento e depois se divide em muitos. O rio inicia-se com múltiplos riachos e nascentes e finda unindo-os todos no mar comum. Quando o gênio tipológico quis mostrar que as duas forças da vida, a de ida e a de retorno, juntam-se e misturam suas energias nos mundos manifestos – como o fazem na esfera humana e no seu corpo – eles representaram as duas forças trabalhando em conjunto. Falando do homem justo, a bela linguagem do Bíblia diz:<sup>[2]</sup> “Ele será como a árvore plantada junto às águas.” O Selo de Salomão, ou dois triângulos entrelaçados

[2] Jeremias 17:8. (NT)

de simbolismo esotérico, constitui uma monografia dessa inter-relação, pois um triângulo aponta para baixo, o outro para cima. A direção para baixo representa a descida da alma à matéria, o que aponta para cima tipifica o retorno de volta à fonte espiritual infinita. A mitologia nórdica, entretanto, retratou as duas direções por meio da grande árvore da vida, *ygdrasil*, ambas enraizadas na terra, alcançando o céu, e enraizadas no céu, estendendo os seus braços para baixo, até a terra. A involução traz a vida para baixo e ramifica-se sobre a terra; a evolução a traz de volta ao céu. A *banyan* e outras árvores menos visíveis exemplificam ambas as direções. Qualquer árvore se dirige para baixo no interior da terra, como semente ou rebento, e retorna ao céu ao desenvolver seu corpo.

Assim, a árvore junta ao rio foi empregada pelos místicos da antiga verdade divina como símbolo da primeira,<sup>[3]</sup> a distribuição, e, em seguida, de reunificação dos rios de vida da força criativa que, como os quatro no *Gênesis*, originaram-se do ser de Deus e a Ele retornaram. A magnífica filosofia esotérica grega – cujo renascimento, sugere-se, pode ser hoje a resposta para o grande grito do mundo pela cultura humanitária – representava os deuses, que são os longos braços e agentes da própria energia de trabalho de Deus, como sendo os “distribuidores de divindade”. Nenhuma frase poderia ser mais esclarecedora para nossas embotadas forças de compreensão. Jesus disse: “Vim lançar fogo na terra” [Lucas 12:49], e depois, ao ilustrar o significado de partir um pão em pedaços e distribuí-los a cada um dos seus discípulos, declarou que estava partindo seu corpo em fragmentos de sorte que uma parte pudesse ser distribuída a cada um. Novamente ele exemplificou essa divisão ao “multiplicar” os pães e os peixes para alimentar a multidão faminta. Tudo foi projetado para ilustrar o grande e esquecido princípio da antiga “teologia divina” de que os raios e correntes de força criativa que fluem do coração de Deus apresentam-se primeiramente como como um fluxo indiviso, depois se ramifica e divide-se infinitamente para alcançar e suprir cada recanto e fissura de estar no universo. Os gregos chamavam a essas correntes de força formadoras “rios

---

[3] Uma provável referência ao processo de involução (NT).

de vivificação”. Eles se iniciam a partir do céu como uma corrente indiferenciada e alcançam a periferia da criação em incontáveis ramos. Então, tendo saído e realizado seu trabalho de “regar toda a superfície do chão”, eles, exatamente como os capilares de nosso próprio sistema sanguíneo, voltam de suas inumeráveis nascentes e começam a se fundir, com os muitos transformando-se em poucos para, finalmente terminarem no Um do qual eles emanaram. Se isso não retrata, até mesmo para a mente dos mais idiotas, a metodologia e os processos do trabalho criativo de Deus, é difícil conceber como poderemos ser ensinados sobre a óbvia verdade.

É interessante aprender a respeito das árvores específicas escolhidas pelos sábios para tipificar o modo criativo. As nações nórdicas usavam o freixo e o pinho, este último em função da sugestão arrebatadora de imortalidade da alma já que ele permanece sempre verdejante durante o inverno, o período da “morte”. Os druidas e os gregos, usavam o carvalho. As religiões mediterrâneas e do Oriente usavam alternadamente a palmeira, a oliveira, o banyan, o pinho, a tamargueira, o figo, o boddhi, o zimbro, o cipreste, o cedro, a azinheira, o vinhático, o gafanhoto, ou acácia (a árvore sagrada da maçonaria), e o figo sob o nome de sicômoro. (Gerald Massey o nomeia figo-sicômoro). O Apocalipse fala das duas testemunhas, que chama de as “duas oliveiras”. Textos egípcios falam dos “dois sicômeros do céu e da Terra”, em verdade uma nomenclatura ricamente reveladora, já que a descrição nos permite ao menos conhecer o que significam essas duas testemunhas ou as “duas árvores”. São agora claramente vistas como os dois rios da força viva, um que emana do céu, e o outro, que se eleva da terra, cujo trabalho correlacionado leva vida através de cada um de seus grandes ciclos. Uma testemunha constitui o rio da involução que flui em frente, a outra o rio da evolução que flui em retorno – carregando em si seus ganhos. O significado misterioso de muitos textos da Bíblia teve de aguardar esses dois mil anos para que a descoberta da pedra da roseta (em 1796) suprisse a chave de uma interpretação perdida. O Egito redimirá um cristianismo decadente e a sua desconcertante Bíblia. O tempo do desprezo cristão pelo “paganismo” já faz parte do passado.

## O Fruto “Proibido”

Há que se buscar agora a solução do problema dialético desconcertante implícito nas proposições teológicas convencionais, ortodoxas e homenageadas ao longo do tempo, embora não inteligíveis racionalmente, baseadas nos versículos do *Gênesis* que parecem declarar que o homem estava impedido, por ordem divina, de comer o fruto da árvore da vida e do conhecimento. A linguagem é incompetente para transmitir qualquer compreensão adequada da bestificação prejudicial do senso comum saudável que a distorção totalmente truncada e deturpada do significado dessa suposta ordenança divina infligiu à humanidade ocidental ao longo de muitos séculos. O “fruto proibido” e a alegada desobediência do homem a Deus ao comê-lo, bem como o castigo para toda a humanidade como consequência disso, tornaram-se assim bichos-papões de proporções frankensteinianas, entupindo a consciência geral do mundo ocidental com uma obsessão paralisante de admiração, dúvida, medo e remorso vicário por muitas eras. A devastação psicológica e a destruição causada em mentes sensíveis doutrinadas desde a infância com essa concepção maldosa são incalculáveis. Sua preeminência lúgubre no centro da estrutura teológica ocidental justifica plenamente seu lugar entre as três primeiras linhas do grande épico de Milton:

Da primeira desobediência do homem, e a fruta  
Daquela árvore proibida cujo sabor mortal  
Trouxe a morte para o mundo e todos os nossos  
infortúnios.

Horripilantes e cruéis foram as implicações fatalistas da lenda teológica de que comer os frutos de uma árvore – em sentido literal – pelos nossos “primeiros pais” provocou a “queda” do homem e levou para sempre as raças que deles descenderam à pena de expulsão de um lugar no Paraíso e a uma vida de labuta, dor e tristeza sobre a Terra, sendo a morte a inevitável sorte no final. Ela se escondeu nas sombras escuras do subconsciente ocidental, tornando-se uma ameaça à felicidade e constituindo-se num forte freio ao prazer natural da vida. Só a robusta recusa à imposição teológica pela